

COMPORTAMENTO POLÍTICO, VOTO FEMININO E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Lúcia Avelar*

A professora Lúcia Avelar esteve em Natal em novembro de 1994, a convite do Departamento de Educação, e concedeu entrevista à Revista Educação em Questão, através dos professores: Maria Inês Sucupira Stamatto, João Batista Cortez e Adir Luiz Ferreira (UFRN).

EQ - Você que já trabalhou há muitos anos com pesquisa quantitativa, gostaríamos que comentasse sobre a relação entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa.

LA - Bem, a primeira coisa que seria bom enfatizar neste nosso trabalho de pesquisa é que a antiga oposição que havia entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, felizmente, está sendo

* Professora do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Unicamp. Doutora em Ciência Política (PUC-São Paulo). Pós-Doutorado em Ciência Política (Yale University). É autora de diversos artigos e do livro *O Segundo Eleitorado - Tendências do Voto Feminino no Brasil*.

superada. Atualmente, os pesquisadores que trabalham com métodos quantitativos sabem da necessidade de se buscar dados de natureza qualitativa. Antes, quem era quantitativo defendia o seu quinhão, quem era qualitativo achava que a pesquisa quantitativa era superficial, era numérica. Ela apresentava apenas algumas tendências, mas também não dava grandes explicações sobre a realidade. Felizmente esta oposição, atualmente, não existe. Os pesquisadores quantitativos que, obviamente, têm que adquirir um enorme treinamento nos métodos quantitativos na estatística, nos métodos de amostragem, nas análises multivariáveis, na construção de indicadores, variáveis, saber como construir as tabelas, procurar testes de significância etc. Tudo isso agora, pode, também, ser passado, ser socializado melhor dentro da Universidade brasileira.

E os pesquisadores que se declaram qualitativos, eu acho, estão, também, se dobrando diante da necessidade do trabalho da pesquisa quantitativa. Quer dizer: daqui para frente, eu espero, nós vamos ter uma relação muito mais positiva, uma colaboração mútua das pessoas que trabalham em ambas as áreas. Isto é um avanço e eu pessoalmente defendo a idéia de que os recursos de um método devem ser somados aos recursos do outro, e, portanto, acho que nós vamos caminhar no aprofundamento da inter-relação entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa.

EQ - Professora Lúcia, você tem trabalhado na sua obra e em vários de seus artigos sobre o conceito de apoliticismo e conservadorismo. Gostaríamos que explicasse melhor esses conceitos, no contexto que eles são aplicados e qual a sua compreensão sobre os mesmos.

LA - Esses dois conceitos são chaves para o entendimento de algumas coisas que se passam na política brasileira. Por exemplo, como é que nós explicaríamos momentos da política brasileira tão importantes, como o Movimento das Diretas Já, ou como o Movimento do impeachment do Presidente Collor. Quer dizer, são

enormes movimentos de massa e que mobilizam uma quantidade de pessoas na sociedade brasileira, que são indescritíveis. Então, como é que a gente explica esses momentos de uma intensa participação política com outros momentos de distanciamento, de apatia e de até um certo descaso pelas coisas da política. Por exemplo, é muito freqüente ouvir pessoas dizendo que elas não gostam, não se interessam pela política, que a política não tem nada a dizer a ela e que, enfim, é melhor que elas se mantenham distante da política. Felizmente, hoje, este grupo vai se tornando menor. Então, quando nós vemos, por exemplo, eleitoralmente falando, e mesmo através de outros tipos de participação, envolvimento em campanhas políticas, ou mesmo torcidas que as pessoas têm em relação a determinados candidatos e partidos, esta questão do apoliticismo já não é tão evidente. Então, veja bem, o conservadorismo, que também é uma tradição de nossa cultura política, está mudando. Quer dizer, há uma mudança mais estrutural, mais profunda na sociedade brasileira, fazendo com que as pessoas mudem nos seus valores. Se alguns carregam consigo valores muito tradicionais, outros querem valores de mudança que os instrumentalize melhor diante das demandas que a sociedade hoje apresenta. Então, veja bem, eu acho que toda essa questão do conservadorismo, também é uma tese que pertence um pouco ao nosso passado. Com relação a essas duas dimensões da política, gostaria, também, de dizer o seguinte: o apoliticismo e o conservadorismo são características que, historicamente, eram vistas como muito mais forte entre as mulheres.

E isso era uma marca. Por exemplo, dizer que nós mulheres também gostamos de política, também temos consciência política, queremos lutar por um Brasil melhor, que estamos interessadas na política como os homens, quer dizer, isso tudo era visto como irrealidade e de algum modo pesava sobre os nossos ombros. Enquanto estávamos em casa cuidando dos nossos filhos, cuidando dos nossos maridos, do orçamento doméstico, da conta de supermercado, da conta da escola, é verdade que a política nos

parecia uma coisa distante. Hoje, com a crise brasileira da última década, tudo isso mudou e mudou profundamente. Hoje, a mulher, por exemplo, ela quer saber mesmo o preço do produto no supermercado e se ele está diferente num supermercado ou em outro porque ela está tomando conta do seu orçamento também.

Então, veja bem: as mudanças na sociedade brasileira foram de tal forma estruturais e profundas que mesmo essa questão da não participação política ou então de manter o *status quo*, tudo isso está mudando. Isso é um trabalho que eu me dediquei na minha pesquisa, principalmente sobre as mulheres, e o que a gente percebe é que as mulheres também mudaram. Quer dizer, elas já não têm mais essa coisa de reenfatizar valores conservadores de não-mudança, não, elas estão dispostas a promover determinada ordem de mudanças e também para isso elas se colocam de uma forma muito mais intensa e participando mais efetivamente das coisas que estão ocorrendo na sociedade brasileira.

EQ - Você tem trabalhado, também, sobre a política das oligarquias. Em que medida essa política clientelística nos ajuda na compreensão de uma política educacional?

LA - Bem, esse é um trabalho mais recente. Eu cheguei à conclusão de que com todo respeito por todos os trabalhos que têm sido feitos até agora, na área educacional, existe um outro lado que é o entendimento da estrutura institucional do poder. Como é que é estruturado o nosso poder do ponto de vista institucional. Esse tipo de análise, ou seja, a análise institucional do poder e a sua relação com a política da educação, isso para mim se tornou um desafio. Eu passei a entender, para o meu trabalho, que se não entendesse como funcionam as forças políticas dentro do sistema político brasileiro, eu dificilmente poderia entender como é que se faz a política da educação. Foi aí que eu me detive a estudar a política das oligarquias, ou seja, a persistência das elites políticas tradicionais no Brasil de hoje. Então, o que acontece, veja bem, as

elites políticas tradicionais se mantêm no poder, não só aqui no Brasil, mas isso é uma característica de todas as sociedades que tiveram o poder originário da terra. Elas, mesmo com o sufrágio universal, sabem como se fazer representar nas instâncias mais altas do poder. E no caso específico do Brasil, da política brasileira, elas souberam como ninguém como ter acesso direto aos recursos do Estado, a seu favor. E isso não foi diferente, por exemplo, no caso da educação. Se a gente analisar como é que se deu a locação de recursos para educação no Brasil, a gente vê que, de um lado, há critérios universalistas, mas, por outro, há critérios muito particularistas e que estão ligados ao poder de cada oligarquia nos estados, nas localidades, nos diferentes estados. Então, é só olhar algumas tabelas, por exemplo, dos recursos destinados a determinados estados do Brasil para se ver, através dessas tabelas, como é que o poder das elites tradicionais ou das oligarquias se mantêm no acesso a esses recursos e como é que eles trazem esses recursos para os seus respectivos pólos de poder.

Então, veja bem, estudar a política da educação deixando de lado essas forças políticas e o modo como elas estão, como elas funcionam no sistema político brasileiro, eu entendi desde então que seria perigoso, eu teria que, minimamente, entrar, entender as oligarquias, ver como elas funcionam, como é o seu funcionamento do ponto de vista institucional e aí depois ver como é que tem sido feita essa política da educação no Brasil.

EQ - Professora, outro assunto de grande importância na sua obra diz respeito ao comportamento eleitoral, específico ao voto feminino. O que poderia nos dizer a respeito dessa questão?

LA - Veja bem, os estudos eleitorais no Brasil já têm alguma tradição. Desde a década de 50, alguns estudos significativos foram realizados e a partir de 1966 temos uma prática de estudos eleitorais no Brasil no melhor estilo dos norte-americanos, trazendo de lá a própria metodologia, as técnicas. E isso é um grupo que se formou,

é um grupo acadêmico importante que tem produzido estudos sobre comportamento eleitoral do brasileiro e com uma certa acumulação de conhecimento que já é muito importante, inclusive possibilitando algumas previsões sobre o eleitorado. Muito bem, isso não existia para o voto feminino.

A minha pergunta foi a seguinte: Será que nós vamos continuar acreditando que os resultados encontrados para os homens, para o comportamento eleitoral do brasileiro, podem ser generalizados sem nenhuma particularidade, para o voto feminino? Então, a partir dessa pergunta eu me coloquei num desafio de pesquisa, trabalhei com várias categorias de mulheres, categorias de escolaridade, de idade, status socioeconômico e passei a estudar como é o comportamento eleitoral da mulher na sociedade brasileira. Eu tenho que afirmar que, felizmente, as nossas perspectivas são interessantes em relação ao comportamento do eleitorado feminino. A conclusão principal desse meu trabalho mostra o seguinte: há um segmento de mulheres na sociedade brasileira extremamente interessado em política moderna, progressista e esse segmento é, basicamente, formado pelas mulheres que trabalham fora e que conseguiram superar um certo patamar da marginalidade educacional no Brasil. Veja bem, eu estou frisando essa questão porque a educação no Brasil exclui muito as pessoas. Há milhões de pessoas excluídas de um certo nível de escolaridade, da possibilidade de elas ascenderem a determinados níveis educacionais. Bem, quando as mulheres conseguem superar esse patamar da marginalidade e ao mesmo tempo trabalham, elas desafiam o cotidiano, como qualquer outra pessoa e, ao mesmo tempo, tendo que cuidar de casa, do orçamento, dos filhos etc., elas incorporam um grau de politização, de conscientização, para resolver todas essas questões que as politizam muito. Então, isso está levando a que haja um segmento muito progressista e muito moderno na sociedade brasileira que é este perfil caracterizado pela mulher trabalhadora, a mulher mais educada e que realmente assume posições muito mais progressistas do que outros segmentos da sociedade brasileira.

Eu quero dizer que esta conclusão para mim foi um grande achado, ela me deu uma enorme alegria e cada vez mais as pesquisas eleitorais têm reafirmado esse achado, então eu distingo nessa pesquisa as mulheres donas de casa, das mulheres que trabalham fora. Eu acho que metodologicamente, também, foi um avanço e eu tenho percebido que os Institutos de Opinião Pública têm incorporado essa divisão metodológica de separar as mulheres que trabalham, das mulheres donas de casa, e eu acho que esse é um resultado; foi bom metodologicamente, pois se mostrou um recurso eficaz. Foi um recurso feliz.

EQ - Outra questão que você têm trabalhado no seu livro é sobre a relação entre a Escola e a Política. Como é que se dá essa relação?

LA - Veja bem, eu quero colocar, aqui, antes uma questão em relação à qual eu acho que nós deveríamos pensar algumas coisas que é o seguinte: aliás, essa é uma questão que foi colocada pelo nosso Presidente eleito Fernando Henrique Cardoso, como bom cientista político, então ele diz o seguinte: que o Brasil não é um país subdesenvolvido, o Brasil é um país moderno, industrializado, complexo, porém injusto. Veja bem: a questão colocada dessa forma recoloca, por exemplo, a questão da escola. Como é que se explica que um país moderno, complexo, exclua da escola um contingente populacional imenso. Por exemplo, hoje, no Brasil, nós temos aproximadamente 35 milhões de analfabetos, temos um enorme contingente de alunos fora da escola, que inicia a sua escolaridade mas não consegue ir em frente. E, por outro lado, um sistema educacional que tem na figura do professor, hoje, uma figura desprestigiada a ponto de a gente poder afirmar que o professorado sofre de um problema de identidade profissional, ou seja, ele se perdeu, ele está muito longe daquela figura prestigiosa de outros tempos. Como é que ele se encontra hoje? Ele hoje é um indivíduo que se sente atingido até do ponto de vista da sua honra pessoal, porque profissionalmente perdeu muito da sua identidade

profissional, está muito desvalorizado etc. Então, essa questão da auto-estima do professor parece que se reflete num campo mais ou menos amplo, inclusive na sua própria posição dentro da sala de aula. Quer dizer, ele não quer mais, ele não está disposto a lutar tanto pelas suas coisas, acha que são lutas inglórias, lutou por melhorias de salário e não foi muito feliz nessas lutas.

Tudo isso atinge tanto a escola quanto a auto-estima do professor, pois o atingido foi o seu trabalho profissional. Então, o que está acontecendo hoje? O Brasil está retomando o crescimento, as taxas de crescimento do Brasil de 1994 estão mostrando que o emprego cresceu, a produção cresceu. Nós estamos iniciando um novo tempo, talvez caminhando para um outro estágio, não aquele da industrialização que crescia de uma forma ímpar. Aliás, fomos um modelo de industrialização no qual o Brasil só crescia, sem aqueles picos de crise. Mas, depois, entramos numa crise enorme. Então, o professorado nessa crise foi a categoria profissional que mais sofreu, a escola foi a que mais sofreu, e, politicamente, o professorado se viu distante de qualquer grupo político de poder. Ou seja: o poder de barganha dessa categoria profissional, que é uma categoria numericamente muito grande, mostrou-se muito baixo. A mídia, a opinião pública, praticamente desconhecia o professorado, como categoria profissional, e é esse o quadro que estamos tentando reverter. Ou seja, o professorado está tomando consciência de que essa questão da auto-estima terá de ser superada e que a sua questão profissional passa por aí. Para resgatar a sua própria identidade isso terá que ser feito através da política, ou seja, colocando-se no espaço político um espaço político onde ele realmente tenha capacidade de negociação. Na medida em que o professorado resgatar a sua auto-estima e a sua identidade, adquirindo um novo papel na sociedade, certamente a escola será um dos beneficiados. Então, veja bem, não dá mais para separar a questão escolar da questão política. Essas coisas estão interligadas e o resgate da própria escola tem uma dimensão política muito forte.

EQ - Nesse novo contexto que você estava falando, como fica o papel do professorado na política democrática?

LA - A política democrática é uma política conquistada. Ela não nos vem de mão beijada. A participação política dos segmentos cada vez mais diversificados da população brasileira é uma questão recente, porque, veja bem, quando realmente o Brasil passou a ser urbanizado e mais industrializado, com mais diversidade de segmentos que queriam defender os seus próprios interesses e se fazerem representar politicamente, nós tivemos uma interrupção que foi a interrupção dos anos militares. Desmobilizou-se, é claro, mobilizou-se de outra forma, mas através dos movimentos sociais. Mas, politicamente houve um freio na participação política, no processo de conscientização. Enfim, só agora, na era pós-autoritária, é que nós temos vários segmentos da população percebendo que há uma possibilidade, dentro do mercado político amplo, de se fazer representar. Isso tem acontecido do seguinte modo: novos grupos estão trabalhando a sua identidade política, estão se estruturando politicamente para fazerem a sua própria articulação e agregação dos seus interesses. Ou seja: não darem a voz, a sua própria voz para outras pessoas para que elas os represente, mas eles mesmos fazendo a sua própria representação. Então, veja bem: o professorado é um desses segmentos que agora reconhece que não é mais suficiente que outras pessoas falem por ele. Ou seja: ele mesmo tem que construir a sua própria voz, tem que fazer a sua representação, tem que lutar no espaço político que é um espaço eminentemente de estratégias e ele começa a perceber que ele não tem muito poder de fogo, e que é pequeno o seu poder de barganha. Esse reconhecimento é uma grande coisa, um grande passo, é o primeiro passo para que ele construa a sua identidade. Isto é recente, isto é recentíssimo e para outros segmentos também é recente. Quando é que nós pensaríamos 15, 20 anos atrás que camadas cada vez mais amplas dos trabalhadores iriam se fazer representar através da política? No entanto, hoje,

isto é uma realidade. O professorado está vendo que o seu momento chegou. Ele está se articulando através, por exemplo, do fórum nacional de educação, várias entidades sindicais, reconhecendo que não é possível uma organização para dentro da sua própria categoria, e tampouco só se articulando com o Estado. Ele terá de se articular com outras coisas, por exemplo, com as mídias, com a opinião pública, com outros grupos políticos. Esse reconhecimento é uma grande conquista do ponto de vista da política democrática. Na democracia todos os grupos devem se fazer representar e essa representação se estrutura a partir da construção de uma identidade coletiva. O professorado não é uma exceção. Nesse sentido, acho que nós estamos, agora, chegando a um outro momento da política democrática com a participação dos professores, que têm interesses próprios, articulando-se e lutando politicamente pelos seus próprios objetivos.

EQ - Professora Lúcia, uma questão interessante para o mundo acadêmico é a interdisciplinaridade. Como sabemos que a sua formação é essencialmente voltada para as questões políticas, gostaríamos que explicasse melhor como imagina a relação entre a ciência política, a educação e a contribuição que a ciência política dará para a educação.

LA - Veja bem, a educação se inscreve no âmbito das ciências sociais aplicadas. Se nós fizermos um retrospecto da formação do educador, do pedagogo no Brasil, nós vamos ter que reconhecer alguns aspectos da análise da educação, da capacidade da análise. Isso é uma coisa que é privilegiada no âmbito, por exemplo, da ciência política. Quer dizer, como funciona o poder, como funciona o sistema político, quais são os grupos que implementam as políticas, como é que se dá a implementação de determinadas políticas. E a educação é este caso. Felizmente, eu acho que nós estamos chegando noutro momento muito positivo que é o de elaborar as análises mais complexas sobre o poder e a política, as

políticas públicas etc. Então, eu acho que é bem-vinda a interdisciplinaridade, estamos dando um novo passo para que essas relações somem esforços, e que a gente possa esclarecer áreas disciplinares que até então encontravam-se completamente distantes uma das outras.

EQ - Outra questão que você tem trabalhado é quanto à ressocialização. Gostaríamos de ouvir a sua opinião, principalmente quando ocorre a saída do homem do meio rural para o meio urbano.

LA - Este trabalho ou este tópico é essencial para nós entendermos o seguinte: o Brasil tem uma taxa de urbanização das maiores do mundo. O Brasil, na década de 50, era um país rural. Na década de 90, é um país urbano. 90%, aproximadamente, dos domicílios do país estão, hoje, na área urbana. A saída de um homem e de uma mulher do campo para a cidade é um aprendizado tão violento, devido ao encontro de valores tão díspares, que tudo aquilo que a pessoa viveu no seu contexto de origem, obrigatoriamente, pela força da contingência do seu novo trabalho, da sua nova especialização, terá que reaprender outras coisas e muito novas. Conviver em um meio urbano é uma situação de desafio, são novos valores, outros códigos sociais e a sociedade discrimina mesmo as pessoas que não sabem lidar com esses códigos. O indivíduo, então, se ressocializa e faz isso muito depressa, pela contingência de seu trabalho e incorpora os valores urbanos. Ele repensa os valores da sua socialização primária e vê que eles não são instrumentais para a sua vida na cidade. Tanto do ponto de vista do seu trabalho como do ponto de vista do seu relacionamento social. Então, ele aprende muito rápido. Essa ressocialização, pela mobilidade geográfica, eu acho que tem sido um fator esquecido nos estudos migratórios, nos estudos do comportamento eleitoral, nos estudos dos movimentos sociais, movimentos sindicais, por exemplo, movimento de mulheres, quer dizer, quem são essas pessoas que estão fazendo a história do Brasil? De onde elas vieram? Na sua maioria ela tem uma origem rural. E como é que a

gente faz? Deixa de lado o fato de que houve todo um processo de reaprendizagem diante de uma sociedade urbana, uma sociedade industrializada, uma sociedade que está exigindo dele novos papéis, novos valores? Então, vamos deixar uma coisa muito clara. Eu acho que essa questão da ressocialização pela mobilidade geográfica, que é intensíssima na sociedade brasileira, tem que ser recolocada, exigindo estudos mais sistemáticos.

EQ - Gostaria que você falasse agora um pouco sobre a sua nova pesquisa, e quais as perspectivas desse trabalho para o próximo ano.

LA - Bem, eu venho trabalhando com uma pesquisa relacionada com o voto no Brasil, tentando analisar como o indivíduo de diferentes regiões brasileiras pensam a política, o universo político ideológico. Na realização deste trabalho, que já me exigiu a consulta de uma bibliografia muito mais ampla, através dele é que percebi que tinha de me deter na análise da política da oligarquia, a política do clientelismo do Estado, as políticas das elites políticas tradicionais de um lado, e de outro esta coisa muito nova na sociedade brasileira, que é a política da sociedade organizada. Ou seja, como a partir dos movimentos de uma organização política de baixo para cima nós temos a emergência de uma nova forma de fazer política que está conflitando com aquele estilo tradicional de fazer política, que é a política de quadros. Esta nova etapa da minha pesquisa também tem um outro momento, que é estudar nesta sociedade de massas, agora, como se dá a relação entre mídias e políticas e a opinião pública. Quer dizer, como é que é que esses três pólos se relacionam de uma forma sistêmica. Então, todo esse trabalho que eu estou tentando entender é um desafio para mim. É um trabalho que eu estou construindo lentamente e que deverá desembocar numa discussão sobre a questão partidária brasileira nos anos 90. Com esse trabalho, o que estou aprendendo é que me detenho na questão da Escola, da Política Educacional. Eu espero, não muito longe, terminar esse trabalho.

EQ - Professora Lúcia, antes de encerrarmos, nós, que fazemos o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estado, Política e Educação e em nome do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Educação, agradecemos-lhe pela entrevista que nos foi concedida e também pelo curso e pelas discussões realizadas durante o período que aqui permaneceu conosco.

LA - Eu queria, antes de mais nada, nessa oportunidade, agradecer ao convite que me foi feito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em particular aos meus colegas do Departamento de Educação, ao professor Cortez, ao professor Adir, à professora Inês, à professora Marlúcia e a outros colegas que eu encontrei aqui no Departamento de Educação. Quero dizer e registrar, aqui nesta conversa informal, que foi extremamente gratificante encontrar os alunos, os professores nesse trabalho muito bonito que está sendo construído, numa outra concepção de educação, sob a perspectiva da interdisciplinaridade, ampliando os horizontes da explicação da questão educacional brasileira. É um momento que eu acho crucial porque nós estamos mudando. Nós não vamos mais continuar com os mesmos paradigmas do passado. E isto a gente sente que é um momento realmente de ruptura. E nesse momento de ruptura vocês incorporam coisas novas, estão incorporando novos temas, estão formando novos grupos nos diferentes núcleos. Estão abrindo o olhar, aquele olhar um pouco fechado da educação para um horizonte muito maior. Quero dizer, então, que foi um imenso prazer encontrar aqui esse grupo trabalhando da forma como vem trabalhando, e também de outro lado, do lado humano, registrar aqui o conforto que é, para uma pessoa que vem de fora, encontrar este grupo amigo, bom, solidário e que nos recebe tão bem. Gostaria de registrar diante de outras instâncias da UFRN o valor deste grupo ligado à educação e com o qual eu tive o imenso prazer de trabalhar.